



Homens & Lobos

Parabéns aos pais. E a todos nós!

Neste espaço, o nosso tema de eleição é o lobo ibérico. Mas um ecossistema é uma teia de interdependências: a presença de cada animal tem efeitos em todos os seres vivos que partilham o seu *habitat*. Por isso, nada mais natural do que aqui evocarmos também outras espécies, sobretudo grandes carnívoros que, como o lobo, enfrentam graves ameaças.

Já lembrámos um animal que ainda mantém uma imponente presença nas tradições e na história portuguesa: o urso. No entanto, o seu regresso ao nosso País é por enquanto apenas hipotético, nos passos de um ou outro animal que se desvie dos seus trilhos habituais, na vizinha Espanha.

Muitos outros carnívoros vivem nos nossos montes e vales: 11 espécies autóctones e três que foram introduzidas; do texugo à raposa, passando pelo arminho ou pela marta. Mas só um deu recentemente que falar, por bons motivos: o lince ibérico (*Lynx pardinus*). Nasceu a primeira ninhada destes animais, já em liberdade: a fêmea “Jacarandá”, nascida há 4 anos no Centro Nacional de Reprodução de Lince Ibérico, em Silves, e liberta no ano passado, foi agora fotografada com uma cria a seguir os seus passos. Um sucesso para o Programa LIFE+ Iberlince, contrariando, felizmente, as más notícias sobre mortes, por veneno ou atropelamento, de alguns destes felinos, os mais ameaçados de todo o mundo.

Este é um esforço conjunto entre os dois países da Península Ibérica, para salvar a espécie. No século XIX, o lince ibérico vivia em quase toda a Península. Nos anos 80 do século seguinte, já quase se limitava às zonas

central e sudoeste; depois, as populações livres do lince ibérico viram-se restringidas a Espanha, num total de 200 indivíduos. O decréscimo do coelho bravo, afectado por doenças infecciosas como a mixomatose, é a principal ameaça no nosso país. A perda, fragmentação e perturbação dos *habitats* e a mortalidade causada por atropelamentos e furtivismo são também graves problemas.

O lince ibérico só começou a ser consensualmente descrito como uma espécie distinta na segunda metade do século XX. E apresenta diferenças de monta para os seus parentes da restante Europa: pesando entre 9 e 14 kg, com 40 - 55 cm de altura ao garrote, é muito menor do que o lince euro-asiático – nesta espécie, o macho pode pesar até 25 kg e alcançar os 75 cm. Os “pincéis” das suas orelhas têm uma forma bastante característica.

São animais solitários. Os machos procuram as fêmeas apenas quando elas entram em cio; após o acasalamento, o macho volta ao seu território. Do sétimo mês ao segundo ano de vida, os jovens linceiros iniciam a dispersão, embora haja registos de linceiros ibéricos com comportamentos de coesão familiar. Trata-se de um animal especialista, alimentando-se quase só de coelho bravo.

Já sabe: prepare os seus “filhos de lince”, pois pode a qualquer momento deparar com um destes animais tão belos, agora por fim de regresso a Portugal.

Texto produzido no âmbito do Projecto LIFE Med-Wolf, co-financiado pela Comissão Europeia, integrando o programa LIFE.